

## Ode ao Dous de Julho

Castro Alves

Era no dous de julho. A pugna imensa  
Travara-se nos cerros da Bahia...  
O anjo da morte pálido cosia  
Uma vasta mortalha em Pirajá.  
"Neste lençol tão largo, tão extenso,  
"Como um pedaço roto do infinito...  
O mundo perguntava erguendo um grito:

"Qual dos gigantes morto rolará?!..."  
Debruçados do céu... a noite e os astros  
Seguiam da peleja o incerto fado...  
Era a tocha — o fuzil avermelhado!  
Era o Circo de Roma-o vasto chão!  
Por palmas-o troar da artilharia!

Por feras-os canhões negros rugiam!  
Por atletas-dous povos se batiam!  
Enorme anfiteatro — era a amplidão!  
Não! Não eram dous povos, que abalavam  
Naquele instante o solo ensangüentado...  
Era o porvir-em frente do passado,

A Liberdade-em frente à Escravidão,  
Era a luta das águias — e do abutre,  
A revolta do pulso-contras os ferros,  
O pugilato da razão — com os erros,  
O duelo da treva-e do clarão!...  
No entanto a luta recrescia indômita...

As bandeiras — como águias eriçadas —  
Se abismavam com as asas desdobradas  
Na selva escura da fumaça atroz...  
Tonto de espanto, cego de metralha,  
O arcanjo do triunfo vacilava...  
E a glória desgrenhada acalentava

O cadáver sangrento dos heróis!...  
Mas quando a branca estrela matutina  
Surgiu do espaço... e as brisas forasteiras  
No verde leque das gentis palmeiras

Foram cantar os hinos do arrebol,

Lá do campo deserto da batalha  
Uma voz se elevou clara e divina:  
Eras tu— Liberdade peregrina!  
Esposa do porvir-noiva do sol!...  
Eras tu que, com os dedos ensopados  
No sangue dos avós mortos na guerra,  
Livre sagravas a Colúmbia terra,

Sagravas livre a nova geração!  
Tu que erguias, subida na pirâmide,  
Formada pelos mortos de Cabrito,  
Um pedaço de gládio — no infinito...  
Um trapo de bandeira — n'amplidão!...